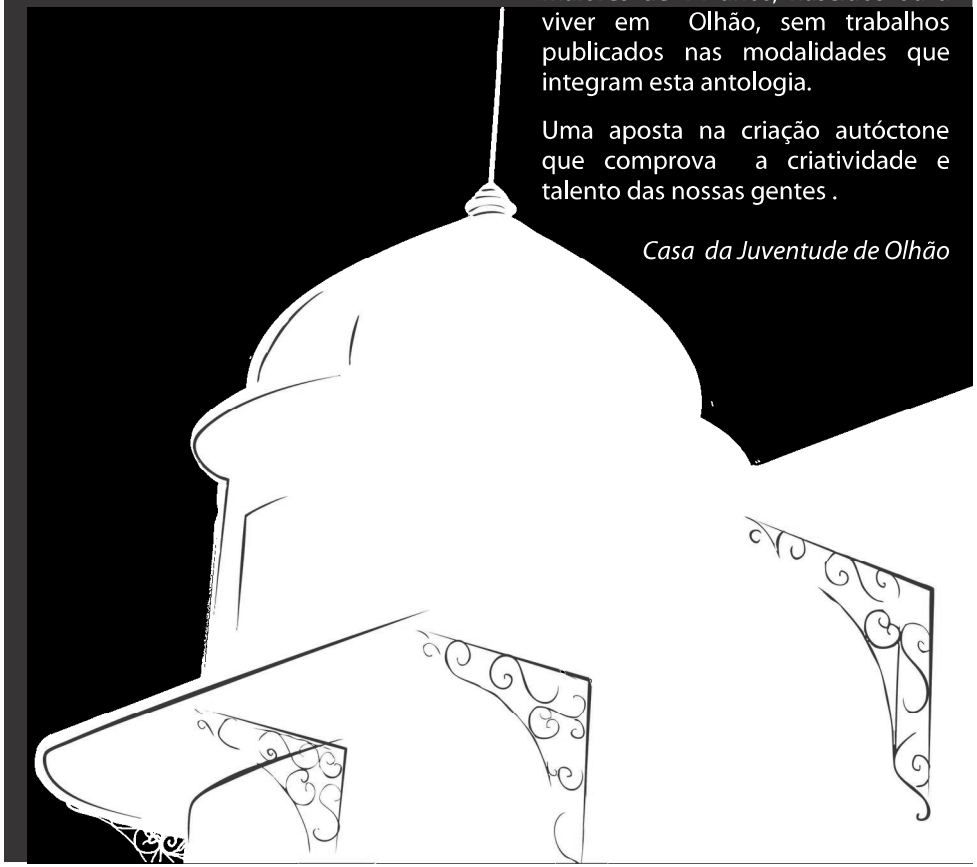
ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO

A Antologia de Novos Autores de Olhão nasceu de uma iniciativa da Casa da Juventude de Olhão com o intuito de revelar e divulgar os talentos da nossa terra e promover a nossa cultura e o nosso património literário.

Compõem esta antologia vinte e três surpreendentes obras de poesia, prosa e bd, selecionadas a partir das dezenas de trabalhos que nos chegaram em resultado de um desafio dirigido aos olhanenses, maiores de 14 anos, nascidos ou a viver em Olhão, sem trabalhos publicados nas modalidades que integram esta antologia.

Uma aposta na criação autóctone que comprova a criatividade e talento das nossas gentes .

Casa da Juventude de Olhão



ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO

Alexandra Marcos
Carlos Barroca
Carlos Rocha
Constança Piloto da Marta
David Saias
Duarte Afonso
Filipe de Neves Martins
Filomena Pires
Inocência Dias
Julieta Lima
Laura Mariana
Maria Adelaide Dias

CASA DA JUVENTUDE DE OLHÃO
MUNICIPIO DE OLHÃO

ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO

MUNICÍPIO DE OLHÃO
CASA DA JUVENTUDE DE OLHÃO

ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO

Alexandra Marcos
Carlos Barroca
Carlos Rocha
Constança Piloto da Marta
David Saias
Duarte Afonso
Filipe de Neves Martins
Filomena Pires
Inocência Dias
Julieta Lima
Laura Mariana
Maria Adelaide Dias

2011

ANTOLOGIA DE NOVOS AUTORES DE OLHÃO

Alexandra Marcos, Carlos Barroca, Carlos Rocha, Constança Piloto da Marta, David Saias, Duarte Afonso, Filipe de Neves Martins, Filomena Pires, Inocência Dias, Julieta Lima, Laura Mariana, Maria Adelaide Dias

Coordenação/Edição /Paginação:
Casa da Juventude de Olhão

Publicação:
Câmara Municipal de Olhão
Largo Sebastião Martins Mestre, 8704-349 Olhão
Telefone:289 700 100
Email: geral@cm-olhao.pt

Depósito legal nº XXXXXXXXXXXXX
Setembro de 2011

município de Olhão

07 Notas de abertura

POESIA

Julieta Lima 11 Naninas: Ninfas da Ria Formosa
12 Pequeno pescador
13 Olhão
14 (sem título)
15 Nha mãe
Carlos Barroca 16 Amando
Alexandra Marcos 18 Como se…
19 Mar em Mim
David Saias 20 Olhão
Duarte Afonso 21 A coragem relembrada depois da morte
22 Além do grande e temível céu atmosférico

PROSA

Julieta Lima 33 A boda
37 Dona Bibas
43 Zé Bechoco
Laura Mariana 50 Branco, vazio. Silêncio, livre
51 Tal como a Lua
52 E queres fama?
Filomena Pires 54 O Sol brilha lá fora!
Filipe de Neves Martins 56 Calum, o Deus roubado
Constança Piloto da Marta 59 Memórias
Maria Adelaide Dias 63 Pesadelo ou Futuro

BANDA DESENHADA

Inocência Dias 69 Inspiração
Carlos Rocha 73 O piquenique

Eng. Francisco Leal
Presidente da Câmara Municipal de Olhão

Chega agora ao público a Antologia de Novos Autores de Olhão, um orgulho para o Município que assim promove, através da iniciativa da Casa da Juventude, os novos valores da nossa terra. Nesta obra, pode encontrar a arte de 12 olhanenses/residentes que, em poesia e prosa, têm agora a oportunidade de dar-se a conhecer.

A cultura é uma das grandes apostas do executivo a que presido e, entre outras actividades realizadas e previstas, aqui está mais uma a provar o empenho nesta área. A todos os autores que aqui têm a possibilidade de divulgar a sua criatividade felicito e incentivo para que continuem a mostrar as suas obras literárias!

Dr. António Miguel Pina
Vice Presidente da Câmara Municipal de Olhão

Olhão é desde sempre uma terra de cultura e de gente talentosa.

Muitos são os olhanenses que têm visto o seu valor reconhecido por cá e além fronteiras, contribuindo para a construção de um património que é a história mas também a alma e o sentir de um povo.

Esta antologia revela o nosso continuado empenho em valorizar o trabalho e a criatividade de novos autores incentivando outros a revelar a sua arte. Um contributo para a construção de um público interventivo, não apenas espectador, mas também ele um fazedor de cultura.

POESIA

NANINAS: NINFAS DA RIA FORMOSA

Naninas Isabéis
Ineses Mari-Anas
Helenas Madalenas
Ritas Lilis Joanas

São ninfas estas outras
da ria tão Formosa
Formosas tão meninas
Ninfas do sol ao sul
em baile nas marés
Seus corpos são na luz
suaves azulados
sereias ou gaivotas
nas águas transparentes?
À noite são pingentes
em lustres de cristal
E os homens ao candeio
a meio da canal
em busca de comida
Inventam-se contentes
aos beijos com a vida
saudáveis e felizes
com elas… sobre a ria…
Naninas… Catarinas… Beatrizes

PEQUENO PESCADOR

No mar à descuras
o corpo d'em nu delido e gelado
Treme o mocequêno
no convés molhado
P'ra comer há fome
p'ra beber há vinho
que dão ao esgrime
Alteia-se o mar e ao ravés do vento
num canto da proa
o sono é mais forte
Dorme o mocequêno
sonha com a ilha
sonha que está sol
e brinca co's outros em cima d' areia.
Em vez de uma rede há bolas de trapos
há livros e letras que já sabe ler:
Sonha com o milagre
De ser mocequêno antes de crescer.

OLHÃO

D' início foste um ninho de gaivotas
onde atracavam mouros e traficantes
Depois um lugarejo de palhotas,
habitado por medos e encantos

Para espreitares a ria e as ilhotas
ergueste as açoteias e mirantes
Para chegares a terras mais remotas
embraveceste pobres e bacantes

És hoje uma senhora, ó ex-menina
Com os filhos de bom porte social
a passear-se ao lado da marina

Mas nas lendas do velho Portugal
nos olhos da cegonha peregrina
corres descalça e nua no sapal.

(sem título)

Filha da garça abandonada na ria
viste crescer os olhos
p'ra lá das nuvens
No lodo te prenderam
as asas e as patas
Peada segues de bico amarrado
sobre o sapal fértil

NHA MÃE

Nha mãe nha mãe
largou-me da mão foi do céu
co'um vestido azul da cor dele
Duma caxa preta nha mãe embrulhada
Taf taf branco da cara puída
Das mãos um rosário
dos peze uma rosa
Nha mãe me levaram
Sem nha mãe fiquei
sem nha mãe serei p'ra sempre chorosa.

Senhor dos Aflitos
Toma lá ma vela
Cuida do mê filho
Nan vá a maré levá-lo com ela.

Moss vai-te ó mar
A noite é de pêxe
Deus te guardará

AMANDO

Liberta-te
Desfalece em meus braços
Envolve-te em meus abraços
Entrega-te
E eu serei teu fiel escravo
Saciarei tua sede de amar
Serei dócil ou bravo
Sou eu quem te vai acalmar
Cuidar
Juntos podemos viver a sonhar
Aquecerei a tua alma
Com o calor dos meus beijos

Terei toda a calma
Para satisfazer todos os teus desejos
No ímpeto de nossas loucuras
Trocaremos carícias e mordidas
Satisfaremos as vontades mais puras
Mais inconfessáveis e mais escondidas
Em noites de amor empolgantes
E momentos alucinantes

Teus olhos em meus olhos brilham
Tuas mãos delicadas que me acariciam
Onde traços bem feitos trilham
Beijos que me encantam
Pele todinha arrepiada
Tu murmurando em meu ouvido
Teu rosto em minha mente
Ouvir a voz mais desejada
Por ti me encontro perdido
Sê minha eternamente
Palavras e pensamentos
Tremendo de desejos
Quando nos amarmos
Fascinas-me com teus encantos
Delicias-me com teus beijos
De nos amarmos jamais nos cansaremos
Ver em teus olhos o brilho intenso
De uma alma que se entrega
O amor cresce vindo do interior
É um sentimento imenso
O mundo para ele não chega
É algo que não se explica, é muito superior.

COMO SE…

Como se visse,
E sentisse, uma paixão
Num olhar, profundo e forte

Como se te quisesse,
E tivesse, num sonho
Numa imagem nítida e clara

Como se vivesse,
E ressuscitasse um amor
Tão verdadeiro e real

Como?

Assim… vendo e sentindo
Mas querendo sem ter
Numa bela ilusão
Em que caminho, sem me perder

MAR EM MIM

Enquanto passeio, perto do mar
Estou só com as minhas recordações
Que tal como as ondas
Desvanecem de fortes sensações

Antes de mim, também outros caminharam
Dissolvendo na água salgada
As memórias que ainda persistem
Na esperança que um dia regressem

Embora voltem, tal como esperei
Nas correntes perderam o seu sentido
Já não são as mesmas,
Mas também eu mudei

Numas vezes revolto, noutras calmo
O mar das nossas vidas
Cheio de nós, das nossas histórias
Espumando por novas memórias

OLHÃO

Para ti escrevo este poema,
Tu que mereces tanto.
Nas tuas marés homens fizeram vida,
E em tuas terras mulheres trabalhando.

E tão belo qualquer que seja o dia,
Olho para ti ao acordar.
Guardo cada momento, cada história,
Para que um dia, aos meus filhos possa contar.

Oh Mouros que habitaste!
Oh franceses que cobiçaram!
Teus descendentes que deixaste,
A ti te defenderam e por ti lutaram.

Tu que nos deste um nome,
E nome esse, desta e interminável geração
Hoje em dia sinto-me honrado,
Por viver na cidade de Olhão.

A CORAGEM RELEMBRADA DEPOIS DA MORTE

Até o Homem mais forte chora
Pela tristeza da sua vida,
Agarra e aperta o sentimento
Que involuntariamente escorre pela face do herói,
Combate a notícia com um grito de saudade
Que lhe invade a alma…

Até o Homem mais forte
Deixa o sonho escapar-se
Pela mágoa e tristeza
Que lhe cortam a respiração
E, quando olha para trás,
Não vê nada,
Não vê ninguém,
Apenas o muro de obstáculos
Que lhe moem o pensamento
E que o desfazem em desespero.

Apenas o Homem mais forte
Se agarra, corajoso, à espada da vida
E corta a estrada de veias
Para acabar com a angústia.
E só esse Homem
É lembrado
Por aqueles que o desprezavam.

ALÉM DO GRANDE E TEMÍVEL CÉU ATMOSFÉRICO

Além do grande e temível céu atmosférico,
Mais longe do que o tão esperado horizonte,
Se avista a estrela que de pequena se fez grande,
Que de esquecida se fez lembrada
E que despida se avista bela e gloriosa,
Como o mar que se dispõem sob ela.

De doirado e ouro coberta,
Extinguida de parte incerta,
De falsetes tocadora,
De paz e amor faminta,
Reluzia no céu,
Doce ponto de bravura.

Sua proeza ajeita,
Enfrentado os cruéis descoloridos.
De sabores e fantasias se enfeita,
Os ares tornado divertidos,
Pelos cantos de choro vestidos,
Pura harmonia divina liberta.

Ao som do rei, que já de longe se vê,
Radioso e excitado
Por de turno trocar com a formosa lua,
A pequena se levanta e se espreguiça,
Para os olhos dos terrenos e habitantes regalar de baladas,
Por sua própria beleza e esplendor tocadas.

Do alto ponto do grande negro
Já se faz notar,
Quando um estranho começa a avistar.
De faceta troca o ponto brilhante
De ver o seu estranho visitante
Que se começa rapidamente a aproximar.

Pequeno que se faz grande,
Na estrela encalha
E um doce cintilar se espalha
Pelo luar a fora que,
Sem demora se espanta
E todo o grande espaço encanta.

Logo a estrela se apercebeu,
Quem de longe avistou
E quem consigo tropeçou
Pela brilhante sua luz,
Que até o ínfimo traço celestial seduz,
De tão bela ser e tão ferozmente sua magia tecer.

Que mais feio corpo,
Diante dela estagnado,
Que consigo encalhou,
E em transe por ela ficou,
Ou por linda e esbelta ser,
Ou por tão pura segurança oferecer.
Com um horrendo meteoro se admirava,
A bela estrela que pelo céu descansava,
E por momentos, um ao outro se fixaram,
Cravando e trocando surpresos olhares
Que pelo ar suspensos ficavam,
Gozando os ápices em que utilizados eram.

E como uma criança que, acanhada,
Um terno beijo pede,
A estrela lança e remete,
Hesitando, pela vergonha que a impede,
Uma inocente pergunta,
Que, inocentemente dita, o silêncio trava e no silêncio ecoa.

''Ora, tu corpo indefinido,
Que na minha zona parado ficaste,
O que te fez tão loucamente ficar,
Parado para mim a olhar,
Sendo eu uma estrela, que de pequena me fiz grande,
Tão comum e vulgar?''

O pobre e feio meteoro,
Intimidado e assustado
De interpelado ser,
A sua infância fez notar,
Pelo envergonhado gesto
De timidez que sobre a grandiosa estrela reflectiu.
Com gesto de ternura,
Sua cara pintou,
Deglutiu a cobardia,
E o obscuro sem sabor abalou,
Mil contos, e mais mil,
Deixando por satisfazer.

Tremer céu, terra e mar fez,
De tanta delicadeza suspirar,
Rolou o mundo, calou o universo,
De tão pura atitude tomar,
A mera distância aguardou,
E tão esperada resposta decifrou.

"De perdão me encho,
E de culpa me arrelio,
Firme brilho, de tão lamentar,
O acanhamento me começa a inchar,
E meus encantados e seduzidos olhos,
De paixão e calor se admiram, por ti"

Meiga e encantadora sendo,
A estrela parada emparveceu,
De tal coisa não esperar,
Um meteoro de imperfeição usado,
Por grande clarão se admirar,
Tão comum e vulgar.
O tanto tempo que aguardou,
De anos-luz em estátua empardeceu,
Por nunca ninguém consigo se cruzar,
Espantada de grande emoção
Se fez enchida,
Por tão de si orgulhosa estar.

Mas ainda curiosa,
De tanto espanto não se contentou,
Ajeitou os risco que faíscam,
E, cuidando o meteoro não inquietar,
Corajosa e insatisfeita
De novo se lançou a perguntar.

"Que belas palavras,
Que me curvam de tanta vergonha,
Educado visitante proferes.
Mas porque, caro meteoro,
Embicas com o meu tamanho encantamento,
Que de raro nada tem, pelas imensas estrelas que o universo tem?"

Abrindo o palácio de sentimentos,
O pobre corpo horrendo,
Deformado e irregular,
Audacioso se manifestou,
De alegria e furor traçou um caminho,
O pudor que o amuralhava abatendo.
Cinzento e pálido,
O esculpiram,
Acanhado, os ombros encolheu,
De sua idade, doce fruto,
A seu amor hesitando, respondeu,
Trocando a vista para o quente mandão.

"Que lá do fundo eu veja um batalhão,
Isso tanto ou nada me interessa,
De lá do fundo que caminhei,
Tua alegria e felicidade distingui,
Calando a minha pulsação,
De tão nervoso que fiquei."

Cristalinas sentenças,
De tão verdadeiramente publicadas,
Logo com paixão agarradas e guardadas foram
No peito da beleza polida,
Que, sem por maldade ser,
Mais uma vez, oscilando, o amor da rocha questionou.

Pois se de ouro era,
E de marfim fora cosida,
O que faria o destino,
De uma vez, se confundir,
Juntando a perfeição e formosura,
Com feio sujeito de brandura?

Num amargo pranto se agitou,
Cantando aos Deuses
Suas baladas mágicas
E de afecto disfarçadas,
Que do além a força a ajudasse,
Explicando tal complicação e encruzilhada.

"Bastante me deixas envergonhada,
Sinto o cheiro de amor,
O que te fez pensar no entanto,
Que rica donzela como eu,
Seria permitida cortejar,
Um pobre e eremita plebeu?"

E pelo vento bramindo notou,
Que suja e rude se tornou,
Colocando tal questão,
Que, sem maldade ou crueldade
Formulou e, que arruinando tão puros sentimentos,
O meteoro se afastou.

Consigo mesma sentida,
Em benevolência se encharcou,
Pois de tão agreste modo usar,
As desculpas e perdões do meigo meteoro
Tentou achar,
Reforçando, então, seus graciosos argumentos.
"Não me tomes por má,
Pois minha intenção
De longe se mantém,
No entanto, duras leis,
Escritas e ditas estão,
Não pode haver por isso, este amor em questão. "

O coitado e inconsolável,
Que de pobre se trazia,
Olhando para a deusa ficou,
Olhares jogados de fantasia.
Gritos de desespero lançou,
Escoando pelo infinito que se estende pelo céu adentro.

O feio que era feio,
De bonito se fez logo,
Pois tanto amor que é receio,
Em excelência se transforma,
Um rasto deixando,
A luz ausente aclarando.

O bonito que feio era,
Meloso discurso pronunciou,
À saudade abriu as portas,
E de logo começou.
Se intenção era, a estrela comoveu,
De amor transbordando das palavras que remeteu.
"Pois este amor proibido,
Que depressa será esquecido,
De tão proibido que era,
Se tornou mais belo que a primavera,
O fato que trago despido escondia,
Tamanha beleza interior que agora seduz."

Embasbacada
A serena estrela,
De queixo caiu pelo chão,
Os olhos aprazíveis arregalando,
Pela aprazível boniteza
Que o meteoro ia largando.

Que de espanto se apinhou,
E pasmada se alagou em atracção,
A estrela também se apaixonou,
Por de bela e grandiosa dimensão
Que bela derramava pelo chão,
O feio que era manto de meteoro caiu e a beleza interior emergiu.

Estavam agora,
Ambos vivendo ternura,
Pelos céus e mais além,
No entanto, nada dura,
E de seguir o meteoro têm,
Pelo todo girando e soluçando bravura.
Que instante triste este,
Que todo o astro fez bailar,
De tanto amor enrolados,
Um do outro serão escondidos,
Ficar separados é o mais certo,
Dizem adeus aos sentimentos, que serão esquecidos.

Das últimas palavras
Um altar edificaram de tão raias
Se alongarem,
Pela coragem e determinação,
Ficariam os dois no coração,
E assim despedidos perduraram.

"Frio e feio te julguei,
Pelo véu que te cobria,
E agora que te cortejei,
Despida serei um dia.
Julgada pelo que fiz,
Discriminada por o que um dia farei"

"De pena estou carregado,
Pelo nosso impossível amor,
Querida estrela que te desejo,
Seja meu frio o teu calor.
Julgado também serei,
Pelo amor que arquitectei."
"Desiludida,
Por completo não estou,
Pois é certo que voltarás,
E vingarás o teu amor.
Estarei á tua espera,
Esteja frio ou calor."

"De tuas,
As palavras faço minhas,
E choroso seguirei meu rumo.
Saberei no entanto, querida estrela,
Que um dia voltarei,
E vingarei meu amor, esquecendo o que dizem os outros."

PROSA

A BODA

- Olha, ali vai a marafona! Vem da restoiça!
- Uhm…
- Ó Manel, mas isto há já dois anos que o Zé da Ursa se matou?
- Alguma vez!
- É que aquela porca já aí anda de cabeça à vela…
- E pendurou-se o desgraçado! Eu pendurava as duas! Ela e a mãe! Duas boas…

A Chica da Ursa passou ornamentada como um coche barroco. Não cumprimentou ninguém. O Charro do Alto, encostado à porta da Venda, atirou-lhe um assobio e a moça esgueirou-se pela Rua Nova da Cruz a caminho de casa.

- Disto é que ela gosta! Assobios… Tal qual as cadelas!

A noite assomava os olhos amorcegados, a luz começava a rarear, Dona Aldinha enrolou a renda no lenço branco e levou para dentro de casa o balaio com os restos de pão.

- Vai uma margota, Manel?

- Não, mulher! Agora só uma pinguinha de aguardente. Daqui a pedaço deito-me, está a Fábrica cheia de peixe e não tarda está aí o apito.

Já com a garrafa do Medronho na mão, Dona Aldinha benzeu-se diante da imagem da Senhora de Fátima onde tremulava uma vela.

Benzeu-se curvando a espinha, beijando as pontas dos dedos.

- Ai minha Nossa Senhora, se vejo esse milagre, vou de rojo à procissão do Senhor Morto. De rojo! Elas hadem ver a minha Rita casada como se fosse a filha de um industrial. Há-de ser cá uma boda…

- Então a Rita foi à do Francisco?

- Foi, homem. E eu vou lá buscá-la não tarda muito.

- Uhm…

- Um, dois! Não podemos ter a moça presa com um baraço. Isto já não é o nosso tempo.

- Sim, tantas liberdades… Queira Deus não te apareça a Floripes…

- Não comeces a ramocar! Um casamento não é coisa que faça de repelão. E eu tenho tudo bem controlado, só a deixo sozinha quando está ruim, percebes? Ando com eles bem abertos – apontava os olhos vesgos – Não sou cá dessas mães…

Dona Aldinha deu mais meia volta e por fim confidenciou em voz solene: - Sabes, a Comadre Zétinha deu-me o toque no Domingo. Na Missa!

- O toque de quê, Mulher?!

- Ora! Sobre o namoro! Vais ver, quando a gente menos esperar temos aí os Compadres a pedir a mão da mocequêna. D. Aldinha tirou o avental, voltou a colocá-lo. Sentou-se, levantou-se, voltou a sentar-se, por fim alvitrou - Ó Manel, isto é um supor, mas imagina lá a carranca da Medusa quando souber do casamento da nossa filha!

- És marafada!

- Marafada foi ela! Casou a filha já mais opada que uma toninha e ainda lhe sobrou língua para a minha mana Aldegundes.

- Deixa! Deixa-a. Não vês qu' aquilo é uma enzêmola gafa d'invejas?

- Enzêmola ou não, o que é certo é descarnece da Aldegundinhas e volta e meia atira o ferrado sobre a nossa filha. SE não fossem as línguas ia-lhe às ventas, mas deixa, há de engolir o esterco que tem da boca já não tarda muito.

O homem espreguiçou-se. Labutava desde as cinco do dia.

- Vou-me deitar.

Dona Aldinha aproveitou para dar mais uma vistazinha de olhos ao baú.

A colcha de brocado branco reluzia sobre os lençóis de popelina bordados à mão.

- Bela colcha!

- Sim, mete-te a comprar contrabando… - O marido! Se fosse na conversa dele, a filha nem um par de cuecas havia de levar no enxoval. Assim… ah! ah! Haveriam de ver.

Seis toalhas de mesa de jantar de Ceuta uma maravilha, seis de chá, guardanapos, os entremeios de renda, os *napronzinhes* de bilros… Até os panos de cozinha com *picó*, tudo ali engomadinho à espera do grande dia.

As economias de uma vida dentro de um baú! As combinações, os saiotes com grega, as camisas de dormir com franzidos e machinhos no peito. Muito melhores do que as da Bélinha da Fuzeta. Mas valia a pena tanto sacrifício.

– Aquelas fegas hadem ver como é que se casa uma filha! - murmureava D. Aldinha, afagando o bragal da moça.

Agora só me falta um *robezinhe* de *nalhão*[1] e umas chinelinhas de penas para a noite do casamento já encomendadas à Entoina Cigana.

Quisesse Deus o Zé Chibate da Guarda Fiscal não lhe tivesse deitado os galapos outra vez. Coitada, andava a pobre ali escalmorrada que nem uma burra para num minuto ver aquele mainante a agadanhar-se com as alcofas.

- Qual quê! Amanhã ou depois está ela aí e talvez até já me traga a renda e os dez metros de tule da Espanha.

A coroa, com as flores de laranjeira, e umas pombinhas, já ela encomendara em segredo à Dona Ercília *chapelêra*.

- Há-de ser um estadão! Há-de a minha filha ir a entrar à porta da Igreja e o véu não há-de ter chegado ao Senhor dos Aflitos.

E tudo cheio de flores, como no casamento da filha do Ramirez. Elas vão ver…

Era tão grande o entusiasmo que não ouviu a Rita entrar em casa. Só deu por ela quando, já a preparar-se para recolher, lhe descobriu a luz acesa pela fresta da porta do quarto.

Não era seu costume espreitar a pequena mas lá que aquilo era estranho, era!

Entreabriu a porta devagar e teve que se agarrar à ombreira para não cair. Os olhos, quase desorbitados, irromperam pela cena que o destino sem mais nem menos lhe apresentava.

Rita despira já o vestido e estava com grande esforço a desenrolar uma faixa de pano larga que lhe espartilhava o abdómen.

Depois, afagou com carinho o ventre redondo que a nudez descobria, reluzente, saudável, prenhe…

D. Aldinha fechou a porta. Sentiu vontade de vomitar. De chorar. De morrer. De matar…

Ainda mal refeita da surpresa, ouviu a filha que a chamava.

- Mãezinha?!

Deus lhe acudisse. - Diz lá filha.

Entrou no quarto. O rosto da rapariga assomava rubro do fundo dos lençóis.

- É o Francisco!

- O que tem o Francisco?

O coração ameaçava explodir-lhe no desvario do peito!

- Vamos casar mãezinha! – Sentou-se na cama – Só pelo registo! Tudo muito simples. É que… ele foi chamado para Angola e não quer deixar-me solteira neste estado!

E mostrou-lhe o perfil do ventre desenhado na alvura da camisa.

DONA BIBAS

Era uma manhã de Agosto ao largo da Ilha do Farol.

Dona Bibas, a minha mãe, já não se sentia bem quando a traineira largou mas o mestre Chico levou-a ao colo.

- Hás de ter os meninos em cima do mar que são filhos da água.

Arfava desde manhãzinha cedo. Era o primeiro parto.

Ainda bebeu um golinho de leite mas depois, acossada pelas dores, foi deitar-se com a língua de fora e os olhos brilhantes.

- Tome lá conta da canita, mestre, que ela hoje não deixa vossemecê fazer nada. A lua mudou ontem, vai ver, não o deixa da mão.

E o mestre lá foi deitá-la sobre um cobertor à proa do barco, debaixo de um toldinho armado com duas murjonas e uns bocados de rede.

- Força, menina, força, tá toda deslaiada. Ajude aqui mestre João.

Mestre João era pai de sete filhos, parteiro deles sem posses avonde para a comadre.

- Ó mestre João, acuda aqui.

Juntaram-se os homens todos ao pé de minha mãe, em volta redonda. Mestre João afagou-lhe o ventre bojudo, pressionando-o levemente.

- Magana, chegou-te bem o Brandanite!

Pararam as máquinas e fundearam o barco. Os rostos estropiados de sol e vento suavizavam-se em traços de criança. Tanta ternura, quanta, nem os humanos sabem que a possuem.

- Um trapo, mosse, chega-me aí um trapo, desses, debaixo do banco do alvará, e uma pinguinha de água - Molha a boca, prantes, força, vá…

- Tá opada e lá vem um, vá, força, cá está ele. Ena que gordo, parece uma tainha.

Dali a pouco nasceu outro, tudo macho. Foi o Charrão, depois o Zeca; O Ambaneta e o Albine foram um a seguir ao outro.

- Tás derrengada, menina. Tá quase, vá mais um bocadinho.

Faltavam-lhe as forças mas enchiam-na de coragem aquelas mãos robustas, desfeitas agora em seda sobre o seu ventre doído.

- Vá, melher, vá, mai uma pinguinha de água, vá.

Dali a um belo bocado nasceu a minha mana Carochinha, o mê mano Patude, e no limite do milagre nasci eu.

Com muito custo a minha mãe rompeu aquele saco que quase me sufocava. - É outra canita mestre, é outra canita, mas esta só tem a orgadura, parece uma formiga ao pé dos irmãos.

Senti o sol a aquecer-me o corpo ensanguentado, como se de uma outra placenta se tratasse e enchi os pulmões de ar.

Ai aquele ar, um ar grosso de maré-cheia ali no balanço da água.

A princípio não percebi bem se estaria a nascer ou a morrer. Senti-me entre o nada e o nada, chorei baixinho, um choro de poucas forças.

- Olhe a canita, tem um pé cá e um pé lá. É de pouco corpo, isto, calhando, morre.

Foi quando a mão do mestre Chico me ergueu no ar a caminho da camisa aberta – Isto aqui nã morre ninguém – esbravejou.

Era de veludo aquela mão grosseira - Menina, menina.

Voltei a encher-me daquele ar marinhoso e adormeci junto do seu peito crestado de sol. - Qual morre, qual quê , cão seja eu se esta Formiga não se fizer na campeôa da ninhada.

E Formiga fiquei de nome e, modéstia à parte, na campeôa me tornei. Um homem bom não se deixa ficar mal.

Com quatro semanas experimentei a água. Que bom. Deus lá sabia o que fez quando nos botou os pés de pato.

- Ah filha de uma magana, nada como um peixe.

Muita rede desensarilhei. - Vai Formiga, apanha Formiga – E salvei o Canhambana no mar de Marrocos. Cachão marfado com a suestada p'lo focinho. Mas filei-o p'lo cagote, mais ramolhado que um charrôco. Nesse dia comi camarão. – Menina, linda menina. Até beijos me deram.

Outra vez, no defeso, eram aí uns nove ou dez homens à redinha, dentro da ria, num mar encarnado de salmonetes e dois cabrões de dois marujos à espreita. - Mosse ó Pardal, começa a meter o pêxe no chalavar que já aí andam os chules.

Ah, bem dito bem feito, *chegande-mes* a terra já lá estava o *Capuche*, o

da guarda fiscal. Armou-se logo ali um escabeche pois queria três quartos do peixe p'ra ele, os homens que não e ele que sim e quando vejo aquele encante de galapos no ar direito ao Mandelinhe, não respondi por mim. Atenchei-lhe os dentes num pulso e por mais um pouco *arrencava-lhe* a mão.

Tanta vida. Aqui nesta ria mais Formosa do mundo, nas nossas águas e até em Marrocos e em Espanha, sei lá eu. No Guadiana levávamos com a enviada carregadinha de ovos e café, a vela à capa no meio do rio, à espera que viesse do outro lado o bote espanhol buscar a mercadoria. Era perigoso o contrabando, mas os homens tinham que levar o sustento para casa. Umas vezes safavam-se, outras, era um dó ver a carga ser deitada ao mar para não serem presos. Eu preferia mil vezes vê-la a caminho da barriga dos peixes, do que a escorrer p'ró bandulho dos enflaitados da Capitania.

- Joel, põe a canita no baraço antes que ela se marafe. - Eles sabiam, cabrão de farda que *alevantasse* a voz dentro daquele barco...

Nada me cansava, era trabalho, brincad*êra*, os mimos da companha. Agora? É estranha esta pergunta. Agora? Na minha vida não houve nunca tempo para interrogações. Era em frente. Comer, trabalhar, defender o que me parecia certo. Porquê este bem estar agora, quando sem forças me pergunto, Agora? - Ponha a canita ao sol, mestre Chico.

O sol, que brilho, Jesus, que brilho. Consigo vê-lo sem abrir os olhos. O mar, é preia-mar? Mestre Chico aconchega-me de novo no ambanico dos seus braços, escuto-lhe a voz ao longe, sinto de volta esta bolsa morna a afagar-me o corpo.

- Então, mestre, não chore, homem. A canita havia de lhe morrer um dia.

Já não ouço nada. O mar ao largo do Farol leva-me de volta ao outro lado, lá onde o vento e as gaivotas pastorejam as almas de todos os cães de água.

Novercafobia e pentherafobia (*)

O rapaz continuava sentado no mesmo sítio, muito direito, debaixo de um suspiro de ar frio que escorria do velho ar condicionado que a velha, com muito orgulho, ostentava na mediocridade do salão.

- Dá qualquer coisa fresca de beber ao rapaz que eu vou tomar outro duche.

Saiu, bandeando as carnes opulentas.

A filha, magrita como um vime, suspirou de alívio.

- Tonik, queres que te faças uma limonada com gelo moído e tudo?

O rapaz respondeu-lhe que sim se faz favor.

Um cãozito preto saltou-lhe para o colo. – É muito querido esse Dandy – O bicho engelhado, lambia-lhe o sal dos braços. - Não tenhas medo. Ele só quer festas e além disso já não tem dentes para grandes aventuras.

- Uhm – respondeu o rapaz com os olhos suspensos num enxame de traças que a velha ostentava pespegadas na cola traiçoeira de um engenho que comprara num hiper na semana passada.

** alergia a sogras*

Foi de pouca dura a paz entre os namorados, o cão rafeiro e os cadáveres das traças.

- Já cá estou. Banho-me quatro ou cinco vezes por dia. Sacudiu-se como uma pata, acomodou as nádegas farfalhosas num sofá meio derreado e compôs uma espécie de tenda cambraia branca por cima dos tornozelos inchados. As pernas assemelhavam-se a pneus brancos sobrepostos por ordem decrescente até à aflição dos pés que pareciam gemer sob o peso do corpanzil molengo. O cabelo ralo, molhado, emoldurava-lhe uma carantonha de Górgona que tivesse devorado as serpentes.

Chupou os beiços finos, compôs sub-repticiamente as placas dentárias e recomeçou o julgamento.

- Ah, então o menino não gosta de perfumes nem desodorizantes. Bonito. Espero que ao menos goste de água e sabão azul e branco.

A Manelita (a filha que parecia um vime) afagou o rosto ossudo do rapazinho. - Ó mamã, ele toma banho todos os dias, mas não gosta de entrar pela adega a cheirar a rosas. Temos de respeitar o gosto dos outros.

- Tonik – recomeçou a execranda bola – percebo que você não queira entrar na Adega a cheirar a rosas, agora essa história de não usar um fato, casaco, gravata nem sequer para um casamento, é simplesmente inadmissível.

A «vime» olhou a mãe e retorquiu - Um enólogo não pode andar perfumado, prejudica-lhe o olfacto e além disso eu também não sou de enfeites e exageros.

- Pois – resmungou a velha levantando o canto do beiço.

A pequena continuou advogando – Estou de acordo que para um casamento destes se tem de pensar na indumentária com algum esmero. O hábito não faz o monge mas…

- O menino tem de mudar! – Resfolegou a carnuda – E é óbvio que não pode ir a um casamento destes entrapado em gangas. Veja a posição da minha filha…

- Qual posição? De cócoras dentro de buracos, de pico e pincelinho nas mãozinhas gretadas? Ora a senhora…

A acidez da irritação começava a desfazer o verniz do pobre rapaz.

A obesa, alcançando com um esforço uma lata de brigadeiros cremosos, olhava

o rapaz enquanto entre as dentaduras os doces se desfaziam e depois, limpando a baba acastanhada da bocarra, continuou – Vou fazer de contas que não ouvi essa alusão aos instrumentos de trabalho da minha filha, mas diga-me lá, nunca vestiu um fato? Um blazer? Passou logo das botinhas de lã para esse estilo amarrotado de sapatorros de ténis?

Bem, para que a conversa não acabasse em trovoada de S. João, o enólogo concordou em substituir a camisa de ganga por uma de cambraia azul clarinha que o sogro lhe emprestou e deixou que as patorras da velha lhe esfregassem a face esmorecida com uma loção de barba.

- É da CK, aqui não há zurrapas!

Estou a escrever esta crónica já quase em Setembro e sem querer ouvi a velha ao telefone com voz de trombone – Ah, já foi comprar um fato! Foi a irmã que o obrigou, pois, pois.

Ainda bem! – Sorria, enquanto devorava um cestinho de figos –

Estava já a ver a vergonha no casamento da Pimpinha. As tias médicas, os almirantes, os catedráticos, os pilotos, até ministros! E os pequenos da alta sociedade todos bem postos e tu de braço dado com um Baco magricelas em trajes da vindima…- Coçou o cabeção suado

- E tu vê lá se tratas dos pés e vais à manicura e pintas umas madeixas nesse cabelo e se trazes uma écharpe capaz e

já agora diz a esse camelo que ….

Não ouvi mais porque a anciã se engasgou com um figo mas quando fui preparar o quarto do casalinho, descobri dentro da mesa-de-cabeceira uma folha de papel onde se lia:

«Sogra e Furão : só debaixo do chão. Sogra e Madrasta só o nome lhe basta. Língua de sogra de cabidela. Novercafobia ahahah; pentherafobia ahahaha.»

ZÉ BECHOCO

Chamavam-lhe Zé Bechôco desde criança por ter nascido com um hematoma no alto da cabeça.

- Força, rapariga, força! - Está bem, primeiro parto, o moço gordo como um bácoro e a Comadre Maria da Ponte com o pulso torcido.

- Ai Senhores, vem todo enramolhado o menino... - gemia a avó Martinha, afagando a moleira do inocente.

Aos cinco meses caiu do berço, ao ano e meio rachou um sobrolho debaixo das patas da mula e foi crescendo sempre à tarruta com as trojias da casa.

- Moço desmaranhado! - lastimava-se a mãe, enquanto lhe esfregava a testa com vinagre.

O rostinho, de feição grossa e façanhuda, depois das abrótinas, metia medo. E ao enfiar a cabeça num avespereiro ficou-lhe garantida a alcunha vitalícia de Zé Bechôco.

A vizinha Boneca bem lhe benzia os cabruncos – Ou te mato a ti ou tu me matas a mim... - mas os poleirões não saiam com o responso.

- Ai este filho, há-de-me ficar um bezelhudo – lastimava-se a mãe às vizinhas, no quintalão da Hermina.

Fez a Primária depois de esfacelar doze Matrilhas (Caternais) e convencido de que o primeiro rei de Portugal tinha sido um zarolho com gola de folhos.

- Um oficio, Compadre! - sugeria o Lamejinha, compadecido com as paternais agruras de Mestre Marranito..

- Ninguém o aguenta - suspirava este com tristeza – No outro dia, acabando de deitar umas tombinhas nas botas do Chega-á-Tia, arremessou-lhe com uma sovela só porque o pobre se lhe queixou de um prego.

- Um prego? Oh Compadre! As botas do Chega-à-Tia pareciam duas tóneiras. O desgraçado andou aí num fandelíro com os pés em chaga!

- Moços...

Impossível! Não havia já mestre serralheiro, mecânico ou sapateiro que o quisesse ver à porta e passava os dias à pedrada com as galinhas, a puxar a tuça aos outros moços ou a ensinar os cães no quintal do Chenita.

Aos dezasseis anos começou a interessar-se pelas raparigas. Nervosento e acobardado lá foi de cinco tostões em punho a caminho da Bloita.

- Tem lá calma, menino, espera na sala!

Nã, aquilo de gajas doutoras não era para o seu temperamento e filas ainda menos. Começou a rondar as mocinhas sérias e quando não ia a bem, ia a mal.

Uma noite foi ao baile de Estoi. Tomara banho com a cafeteira cheiinha de água fresca e levava o cabelo bem empapado em brilhantina. Era o mais alto do grupo mas as moças preferiam os milicianos de Tavira . A gente do Norte era outra coisa, rapazes mais finos, trabalhadeiros, outros jeitos...

Zé Bechôco não gostou do repúdio e meio acaçapado numas moitas, acabou por deitar o gadanho à Néminha Coração de galo que vinha desgarrada do magote. A noite fresca, o cheirinho a cloreto da camisa do Zé daí a três meses lá foi a desgraçada parar ao hospital com uma criança na barriga e duas rachas na cabeça. À machada !

- Iste quem afronta o mê maride. .. - gemia a Ti Corcunda, aconchegando as ligaduras á rapariga.

Depois foi a Sanita (também conhecida por Concêçanita ou Maria da Conceição). Prometeu-lhe casamento e tudo. Outra, de barriga atochada a caminho de Lisboa antes que o Ti Garrôcho descobrisse e... mais desgraça!

O velhaco via passar os dias sem dar um passo para seguir na vida e num Mastro de São João, durante uma Vila de Amêijoas bem regada, o cabo Ramos teve aquela iluminação.

- Ó Compadre Marranite, o seu rapaz não quer nada com o trabalho, é só vadias, porradas e cães, que tal se a gente o metesse na Guarda?

Brilhante ideia a do padrinho Ramos! Falado o chefe, a conversa foi por ali acima e depressa o nosso herói se apresentou aos testes que o iriam conduzir a uma carreira brilhante (mas curta) dentro da prestigiada Corporação.

- Passou nos exames físicos todos! - gabava-se o pai - Onde põe os galapos é dele!

Mas nas provas escritas, se não fosse o Manelinho Candeias a responder ao questionário, ainda hoje lá estaria traçando a língua para conseguir desenhar as cabeças das malditas letras grandes. Esteve com um pé cá e um pé lá quando o cabo Maruca o tratou por soldado Bechôco.

Ê mato-te, cabrão! – uivava o Zé.

- Atenchou-me os punhos na cara que me ia estrafegando! Lastimava-se o outro - Por pouco não me esbugalhava um olho !

Chamaram o cabo Ramos, a contenda amainou e, o rapaz enveredou de vez nos retorcidos carris da autoridade.

Mas o Zé passava pela rua indiferente aos olhares pestilentos dos civis e lá ia multando aquela malandragem toda (ele ditava e o soldado Candeias escrevia) mas ele gostava era de lhes ir ao focinho. Dava gosto vê-lo de cacete na mão, tama! tama! a impor a ordem. Levavam moços e velhos e velhas e quem mais lhe aparecesse pela frente.

Zé Bechôco engasgatava-se quando o pessoal ousava levantar a voz um decibelzinho acima do murmúrio e foi numa destas escaramuças de rua que a sua vida mudou de rumo.

Dona Gertrudinhas, mulher do Mestre Tibúrcio, caiu do poialinho do Mirante e partiu a perna.

Pobre era a gente e pobres foram os cuidados que lhe foram dispensados no Hospital para onde o Sr. Zé de Vila Real a levou na ambulância encarnada.

Era só uma perna partida, o certo é que ao fim de duas semanas a mulher ainda não tinha parado de gritar com as dores.

Lá voltou o Zé de Vila Real e, quando lhe descalçaram a meia de gesso, a pobre tinha já a perna mais negra do que um torresmo.

O doutor mandou chamar o marido e explicou então que para a salvar, lhe teria que amputar a perna. E ai começou todo o alvoroço.

O Mestre Tibúrcio desatou aos gritos que não, que ninguém ia cortar perna nenhuma à mulher e, sacou-a do Hospital à força, na esperança de conseguir mandá-la para Lisboa.

Isto para os pobres vai à cortelada - comentavam os homens.

- Assassines... gritavam as mulheres – Mais valia que a tivessem levado ao Jaiminhe Capador. O canite do Mandelim da açoteia caiu ele e com umas talas...

Depressa a má notícia deu a volta à Vila e entre a generosidade dos pobres se organizou um peditório para angariar o dinheiro necessário para mandar a infeliz para Lisboa. Correram as Papaias de porta em porta e até o senhor Falcate deu dez tostões à colecta. Na Igreja Grande juntaram-se as devotas no terço e a oferecer velas ao Senhor dos Aflitos.

- O Senhor não calha nada, parece um pórque assade! reclamava o Mestre Pataco já apreensivo com as novenas.

O Padre Recrino, um santinho que todas as noites despachava quase uma canastra de sardinhas, naquela noite comeu só quinze ou vinte pexinhos

- Vai-me direito ao goto - dizia ele, beberricando um calçozinho de aguardente - Está nas mãos de Deus, a pobrezinha...

E com este desabafo começou a guerra!

O senhor Zé Cavalo, mais ateu do que um burro não pôde ouvir aquilo.

- Ai o cabrão do padre! Nas mãos de Deus é que ela está?

- Prrum! Arrotava! - Ou é nas mãos desses carniceiros que não querem saber do povinhe para nada?

- Ó Senhor Zé, veja lá como é que fala aqui com o Senhor Padre, que isto não é a praça do pêxe - dizia a Dona Esmeraldinha enregando a querela.

Começaram a ouvir-se vozes discordantes. Deus não era para ali chamado!

Mas o Zé Cavalo continuava e os copinhos aclaravam-lhe a verborreia.

Era cortar os túbares a esses gajes, mostrar-lhes que a fome não amolece um homem! Vão-se fiande nesse boneco de saias, agachem-se todes que Deus...

- Pois com Deus e o Sr. Padre não se mete vocêa! – gritou a Bogas e Truca! Desembestou do tamanco e ferrou com ele cabeça do ateu.

-Este palheirão sempre falande mal do Senhor! Toma lá e lambe-te! Toma! Toma!

Esgalvetão, ateu, palheirão maldite!

O Jaiminho das Mulas meteu-se na conversa, depois o João Sapateiro, a seguir o Pázudo e os Bastardinhos. Os Coiotes Feirantes saltaram como galgos e até o Zé do Estilo (parvo) já por ali andava a distribuir estaladas no meio do povoréu em fúria.

Como a berraria se ouvisse cá fora, o pessoal que à tardinha se sentava nos degraus das entradas para apanhar fresco, começou a juntar-se na Venda e às tantas já lá não cabiam todos e toda a gente batia e levava (menos o Padre), sem saberem bem contra quem era a guerra.

E quando - em voo planado - saiu de lá de dentro, aos urros, a mulher do Roncas, o senhor Abel Bufo correu desalvorido a chamar a Guarda.

Mas a gente do mar é como o mar! Depressa muda de águas negras para águas lusas... o azar foi o Zé Bechôco estar de serviço naquela noite.

Quando o pelotão chegou, só o marido de Gertrudinhas ainda praguejava no meio da rua. Mas ordens são ordens e ao uivo de Avante do soldado Bechôco atiraram-se os quatro marzalões aos garganholes do homem.

Foi cacetada, pontapé, murro, foi o que lhes deu na gana.

Já o pobre estava delido no meio do chão e ainda o Zé Beclíôco o pontapeava brutalmente nas fontes. - Tama lá mais! Tama lá mais! – como um possesso.

Ai é que o povinho enlouqueceu.

- Atão? Logo quatro roazes para uma armaçanita destas?

E com a mesma cegueira com que se atiravam ao Mar para resgatar um náufrago, atacaram com ódio o inimigo de todos: a autoridade da merda!

Inimigo já havia, agora, era só ensinar a estes malditos cães que o povo também dá.

Chamo a Guarda de Faro! Chamo a Guarda de Faro! – zurrava o Abel Bufo, ao telefone. Qual quê! Até o telefone resistia.

O senhor Zé de Vila Real teve então uma ideia. Tocar a fogo. Dispersá-los... antes que matassem todos. E assim fez.

Mal tocou o alarme, o povo parou e todos se voltaram olhando, cheirando, tacteando onde seria o fogo. Outro inimigo! Era preciso acudir! E depressa começaram a erguer-se do campo de batalha para saber onde era o incêndio.

Nesse instante, começou a ouvir-se grande gritaria de mulheres.

- Morreu a Gertrudinhas! Morreu a Gertrudinhas do Tiburço! Toda a minha gente se calou perante a morte fresca da rapariga.

- Morreu agora mesmo. O Cristo da farmácia diz que ela já tinha a perna toda podre. A infecção subiu-lhe á cabeça! Coitadinha! Coitadinha!

Foi como se uma treva escura se tivesse abatido sobre aquela noite luarenta. As pessoas calaram-se e começaram a dirigir-se para suas casas.

O Bacorinho dos Caixões, arreganhando a dentuça de ouro, esfregou as manitas papudas, endireitou o nó da gravata (isto nunca se sabe, é preciso estar sempre fardado) e, lá meteu pernas a caminho da casa da defunta.

- É gente pobre, mas é melhor que nada! O negócio está de rastos desde que inventaram a penicilina...

Os quatro mancebos da Autoridade sacudiam as calças de caqui e procuravam os barretes no meio do terreiro pejado de latas de conserva vazias, cascas de berbigão, calhaus e outros projecteis usados pela canalha para fazer frente à catreva.

- Cinco órfãos de mãe . . . - murmurava o Padre Recrino esfregando a testa.

Zé Bechôco ajeitava a marrafa com a unha (extra-longa) do dedo mindinho e sorria à maralha com o ar esgrouviado de lobo raivoso.

Mas, depressa o sorriso se lhe apagou da crueldade do rosto.

Os olhos esgravulhados reviraram-se, o corpo ondulou... Quando se estatelou no chão, desmaiado, só o senhor Abel Bufo lhe acudiu.

- Quemenistas, malandres, secorram o rapaz... Com relutância, os bombeiros levaram-no para o Hospital.

Esteve entre a vida e a morte e... Escapou! Surdo mas vivo. Foi obrigado pela

incapacidade a deixar a Corporação com uma reforma miserável e, por fim conseguiu arranjar trabalho num Circo como adestrador dc cães.

Um dia, de madrugada, desapareceu na caravana do Óscar.

O tempo passou e por ele se foi dissipando toda aquela tragédia.

Mestre Tibúrcio morreu pouco tempo depois de Gertrudinhas. Recuperou do traumatismo craniano mas a lesão no fígado provocada pelas agressões depressa o plantou na campa ao lado da mulher.

As crianças foram para o Asilo dos Órfãos, a cargo das Irmãzinhas da Caridade.

Coitadinhes, aquilo é quemer numa mão e cruz na outra!

- Católiques... - resmalhava o Tavares, mais maçon do que um calhau.

E numa tarde quente de Setembro, por alturas da feira de São Miguel, o Bacorinho dos Caixões entrou a correr pela Venda de Dona Esmeraldinha.

Pfuu Dé. vocêa vem mais vermelho do que um rascaço!

- Pudera! Venham só ver isto! Venham ver a espada de carro com que ai apareceu o Zé Bechôco.

- Qual quê? - saltou o Padre, quase engasgado com um olho de pescada.

- Esse selvagem? Esse malandro? Deus me perdoe mas ele atreve—se a aparecer por aqui à grande?

- Pois é como lhe digo Sô Padre. O gajo ficou surdo mas quase consegue pôr os cães a falar. Deram-lhe um tacho num Circo em França, que é de se lhe tirar o chapéu Está gafo! Gafinho d'argent, é como eles lá chamam ao dinheiro! - o Bacorinho quase explodia - E vem casado Senhor Padre! Com uma flausina que ate faz oitos!

O Padre parecia ter sido trespassado por um raio.

Burro! - E batia com a mão direita no peito.

Mas se ele mal sabia ler e escrever, como é que conseguiu? Zé Cavalo rosno-lhe com a alma dorida; - Foi milagre Senhor Padre.

Os órfãos de Gertudinhas passavam rua acima com as crianças a caminho do jantar. Tinham ido ao Jardim Coreto do ver os outros meninos comer gelados…Senhor Padre Recrino... - gemeu o Zé Cavalo olhando as crianças - O seu Deus é Grande mas ao pé do Diabo que escravelhou isto tudo.. .é uma porra d'um anão.

BRANCO, VAZIO. SILÊNCIO, LIVRE.

De paredes brancas assim por mim erguidas. Sóbrias. Neutras. Vazias. Por mim preenchidas.

E ao vê-las assim, nada é tão reconfortante como o silêncio a enchê-las. Poder expulsar o barulho e receber o silêncio do branco. Assumi-las como minhas e dominá-las com monstros.

Com os monstros que saem do cinzento e nasceram na escuridão do exterior assoalhado. É com eles que o silêncio por mim é preenchido.

Todos os pesadelos até ao branco escondidos são soldos finalmente. Cavalgam como pombas sobre o céu. Como flechas para o alvo. Querem liberdade.

E como todos, monstros e pesadelos ou criaturas e sonhos, devem-na conseguir; é-lhes aberto o desterro duma casa vazia. E cavalgam até às paredes vazias.

Para trás deixaram um recipiente caído no frio do seu chão. Aliviado. Cansado. Martirizado. Sozinho. Feliz.

E que mais liberdade poderia pedir? Não haverá mais liberdade que a de deixar fugir os monstros. Nunca haverá.

Vê-los ali enclausurados no meio do silêncio branco e vazio. Sem lugar para onde ir, mas fora de mim. Gozar deles e deixar-se cair no frio. Eles ali a debaterem-se.

E neste momento, as paredes já não estão vazias. Estão cheias de tudo o que nelas pus. Do mal do mundo.

Completas só coma visita, as paredes tornam-se infernos clonados do exterior. De repente, os monstros são ameaçadores de novo.

E combatê-los. E enxotá-los. E conhecê-los. E expulsá-los. E ficar a vê-los. Fria.

Afinal estarão sempre lá, para onde quer que se vá. Os monstros voltam sempre.

TAL COMO A LUA

É como se todos os que me acompanham não fossem nada mais do que uma recordação sempre reavivada do quão sozinha estou.

Porque sempre que o seu barulho me chega, as suas perguntas me batem e as suas necessidades me chamam eu sinto-me sozinha. Cada vez que oiço os seus passos atrás de mim vejo o quão sozinha estou.

O seu barulho é o meu silêncio e o meu silêncio é o Inferno.

Não os odeio pela minha solidão, apenas desejava não me restringir ao silêncio. Como se fossem a minha sombra e eu o Sol que as cria, perseguem-me e fazem-me companhia. Só que não resulta. A sua brilhante e resplandecente companhia deixa-me no silêncio.

Não as culpo na maior parte do tempo, mas magoam-me. É como viver com enormes legendas dramáticas que conseguem trazer tudo de volta e dominar o infinito.

E de nada podem saber! Muito mais sozinha ficaria eu nessa situação!

Não vêem nada porque nada querem ver e riem perto de mim como se eu fosse realmente o Sol.

Não, eu não sou o Sol. Eu, tal como a Lua, finjo o brilho que me magoa as faces e encanta os Homens.

Mas esse brilho é falso e os Homens admiram nada mais do que uma ilusão.

E são felizes assim. Conseguem ser felizes na mentira.

Como os invejo...! Quem me dera ser como eles e conseguir também eu transformar toda esta companhia em algo mais que solidão...viver algo que não existe...

Mas é impossível. Eles simplesmente me recordam do quão diferente somos e do quão utópico é o meu desejo.

Eles riem e eu rio para eles na maior parte das vezes e assim se passa o tempo dia após dia.

E QUERES A FAMA?

E toda esta fama, este brilho, este desejo, admiração; faz de nós anjos pecadores que primeiro amaram e agora odeiam. De que me serve a vossa admiração e desprezo? Serei a mesma pessoa. Agora e daqui a vinte anos. Será o mesmo coração a bombear, o mesmo peito a respirar e o mesmo sangue a correr. Não mudarei com o vosso aparecimento ou desaparecimento. Não dessa maneira. Continuarei aqui a falar para olhos brilhantes ou cadeiras vazias. Falarei com certeza. Mas para quem e em que condições? Para o demónio? Para Deus? Para o vento, quem sabe? Falarei.

E talvez este brilho se mantenha. Sucesso e desejo e admiração. Para que me servem eles? Quando o meu coração parar serei igual a todos os outros. Serei igual ao que sou hoje. O meu coração será o mesmo, isso é certo. Por que caminho terá andado? Contra que paredes terá marrado? Esta errática decisão que tomou, veja-se para onde me levou! Esta admiração e nervosismo... De que me servem? Trazer-me-ão algum bom acrescento à vida? Esta prisão tão solta... Sim, estou presa pela vossa admiração e pela admiração que incrivelmente ainda tenho a mim.

O que não vêem? Porque se alegram na presença do que matam? Cruéis seres! Cruéis e sanguinários que se alimentam de mim!

E todos vocês aspiram um dia vir a ser assim.

Cruéis, sanguinários e suicidas! Para que querem esta sentença de morte e Inferno? Para o Diabo vos vir falar a cada esquina? Para ele vos pedir uma assinatura num papelinho? Raios para o papelinho!

E tão felizes são as vidas deles! Cheias de fama e gente a idolatrá-los e pressioná-los, chulá-los, usá-los e deitá-los fora.

E tão felizes são as vidas deles! Cheias de amigos que os chupam até ao tutano e lhe chutam o cú. E vocês aspiram um dia a vir a ser este balde de lixo. Vocês que sairão daqui e encontrarão pessoas num lar quente que vos chatearão sobre as horas de jantar e vos darão cama e no dia seguinte, amor.

Como são tolos e suicidas!

Querem pois ser assim do meu jeito. Chegar à vossa mansão, comer a primeira coisa que vêem e cair numa cama gelada dum quarto gelado dum jardim fantasmagórico.

Suicidas e masoquistas e ignorantes!

Porque não vêem esta verdade? Porque anseiam tanto o vosso fim? Oh Deus! Que moralidade terei eu para falar?! Eu que destruí a família pensando que os amigos estariam sempre lá e que as noites frias e os Natais seriam alegres e aconchegantes. Não são. Vai sempre haver aquela noite em que os chulos não pedem, a família não existe e... ah... os admiradores... para que servem esses? E o dinheiro? Para que servem estes nessa situação?

Ide! Ide! Acordai e apreciei o quão bela é a vossa aborrecida e desconhecida vida. Não ambicionei a morte às vossas próprias mãos. Não caiais no mesmo erro que eu. E ide!

O SOL BRILHA LÁ FORA!

As flores já não são as mesmas. Ou terei eu perdido os meus sentidos?

Perderam as suas cores, os seus mil aromas, já não dançam ao vento como costumavam dançar naquele tempo. As pessoas deambulam sem energia pelas ruas, andam de uma lado para o outro desligados do mundo, muitas vezes sem saber o que esperar do dia de amanhÃ, presas à rotina das sociedades capitalistas, sem qualquer noção da "vida", inundadas pela incerteza e pelo medo de perderem mais um pouco das suas vidas, das suas identidades. Os locais perdem o seu encanto, perdem a sua magia, deixando de ser aqueles sítios em que os nossos avós passavam dias inteiros, em plena euforia, mas agora passado tanto tempo passam a ser vias de perdição, onde se encontram de todos os males do mundo, morrem com o tempo, morrem com as pessoas que não os alcançam, que não vêem a sua verdadeira beleza, mas apenas pedras em cima umas das outras, deixando-os morrer sem autorregeneração.

Vemos o mesmo, comemos o mesmo, rezamos o mesmo e falamos do mesmo, perdemos as nossas essências, perdemos o que faz de nós humanos, o Ser mais rico do planeta, do universo: a nossa diversidade.

E eu fico aqui, com medo do meu amanhã, fico aqui neste cantinho. No escuro. Porque o Sol brilha lá fora… e eu fico aqui. Desamparada, sem que ninguém me diga o que posso fazer, porque aliás nem "eles" sabem o que fazer do amanha!

Porquê Sol? Porque teimas em nascer todos os dias em pompa e circunstância, cheio de grandeza e esplendor, enquanto nós temos de ficar no escuro, na incerteza…

Porque vens tu, cheio de importância, sem nada nem ninguém que te faça parar?
Porque tens tu tanta força?

Quem me dera ser o Sol…

Nascer todos os dias, ver tudo e todos, ver o Universo, os seus planetas, as suas estrelas, a sua imensidão, como deve ser lindo…

Como deves estar tão feliz aí em cima…
Mas agora reparo, não sei se o és, não te consigo ver, o teu brilho deixa-me cega, faz-me chorar sem querer, ou será que quero?

Meu querido Sol, que injustiça, vês todos, mas ninguém te vê…

Quem me dera ser o Sol… Não, quem me dera ser o Céu: Todos podem passar por ele e nunca o rasgam, nunca o magoam.

Já sei quem quero ser.
Eu. E eu sou o céu azul, do mais azul que alguma vez se viu.

CALUM, O DEUS ROUBADO

Acredita-se que há muitos, muitos anos atrás o planeta actualmente conhecido por Terra era habitado apenas por criaturas místicas. Duas espécies completamente diferentes, umas pequenas, muito pequenas chamadas Zilvers e outras enormes conhecidas por Zolvers.

Os Zilvers eram criaturas adoráveis. Dos seus corpos parecia irradiar luz, uma luz tão encantadora que trazia um imenso bem-estar.

Viviam espalhados por todos os bosques e florestas situados a uma certa distância das zonas montanhosas, pois era aí que habitavam os Zolvers.

Os Zolvers eram criaturas horrendas e fedorentas que raramente desciam das montanhas.

Bem, a única coisa que os Zilvers e os Zolvers tinham em comum era Calum, o seu Deus.

Este passava a maior parte do tempo a sobrevoar todo o planeta para garantir que nada perturbaria a paz existente.

Calum sabia que os Zilvers e os Zolvers se odiavam.

Era Calum quem controlava o Sol, a chuva e que fazia com que as árvores florissem.

Foi num dia em que Calum visitava o Bosque Sagrado que os Zolvers resolveram incendiar esse mesmo bosque. O pânico instalou-se de imediato. E os Zolvers, aproveitando todo aquele alvoroço, conseguiram capturar Calum e transportá-lo para a sua fortaleza.

A partir desse dia, o Sol não se voltou a pôr, nunca mais choveu e as árvores deixaram de florir.

Passado algum tempo, os Zilvers reuniram-se e resolveram libertar Calum.

Nesse mesmo dia, enquanto os mais fracos e os mais novos reorganizavam o que já tinha sido um bosque, os outros Zilvers partiram em direcção à fortaleza dos Zolvers.

Estes, assim que avistaram os nobres aventureiros, levantaram as armas com a ordem de Zoltron, o mais forte guerreiro dos Zolvers.

Iniciou-se assim uma enorme batalha que se espalhou por todo o planeta durante muito tempo.

Passados alguns meses, apenas sobravam dezenas de árvores em vez de enormes florestas. Ainda mais escassa era a comida. Em relação à paz, pode dizer-se que esta tinha abandonado completamente o planeta.

Sentia-se o cheiro a morte no ar e apenas os Zilvers mais corajosos saíam dos esconderijos em busca de alimento. Agora, eram os Zolvers que comandavam tudo e Calum continuava aprisionado na mais alta montanha protegida por Zoltron.

Os Zilvers, desesperados, começaram a pensar numa forma de libertar Calum pois este era a sua única esperança. Então resolveram construir um túnel subterrâneo até à fortaleza.

Existia um Zolver que era muito mais pequeno e fraco que todos os outros. Este não combatia e como todos os outros Zolvers, o humilhavam-no e o tratavam-no como se trata um saco de boxe. Este Zolver deixou de obedecer às ordens de Zoltron.

Com o sucedido, Zoltron mandou matá-lo.

Trentos, o pequeno Zolver, conseguiu despistar os seus perseguidores mergulhando num oceano, mas como não sabia nadar foi levado pela corrente até perto de uma toca dos Zilvers.

Andou um pouco, mas acabou por cair exausto.

Passado algum tempo um Zilver encontrou-o e pediu aos outros que o ajudassem a arrastar o pequeno Zolver para dentro da toca.

Assim o fizeram. Quando Trentos acordou encontrava-se deitado no chão todo amarrado.

Os Zilvers levaram algum tempo a interroga-lo e Trentos contou-lhes o que lhe acontecera.

Os Zilvers, menos desconfiados, desamarraram-no e contaram-lhe o seu plano para libertar Calum.

Trentos ofereceu-se para os ajudar e os Zilvers, como se encontravam reduzidos a uma pequena população, aceitaram a ajuda.

Então, após reverem todos os pormenores iniciaram a sua missão, libertar Calum.

Os Zilvers foram andando pelo túnel até se situarem sob a fortaleza Zolver.

Tentando não ser visto, Trentos dirigiu-se também para a fortaleza. À entrada encontrava-se Zoltron. Trentos desafiou-o para um duelo que surpreendentemente conseguiu vencer.

Depois entrou de rompante na fortaleza.

Os Zilvers já se encontravam em redor da jaula onde Calum estava em transe. Trentos, muito apressadamente, alargou uma das gretas da jaula e pegou em Calum. Este acordou e começou a voar aos círculos dentro da fortaleza.

Os Zilvers fugiram para o túnel e regressaram à toca, enquanto Trentos abandonou a fortaleza e seguiu para o mesmo lugar. Mas já próximo da toca Trentos foi morto por um Zolver.

Calum transformou todos os Zilvers em Deuses e juntos se elevaram no ar.

Já fora da atmosfera uniram as suas forças e criaram uma enorme e terrível tempestade.

Os mares acordaram e levantaram-se em grandes ondas que arrasaram tudo o que existia, o vento era tão forte que era capaz de mover montanhas e assim extinguiram todos os Zolvers do planeta.

Após a tempestade ter terminado recolocaram os mares e as montanhas nos respectivos lugares, criaram os animais, plantaram enormes florestas e criaram um novo ser, o Homem.

Acredita-se que ainda hoje os Zilvers, juntamente com Calum, nos protegem e a todo o planeta e fazem com que este permaneça em perfeita harmonia e paz.

MEMÓRIAS

Sentada junto à janela seguro um livro. Páginas escritas com tanta convicção que sinto o relevo de cada letra por entre as pontas dos dedos. Olho a ria... Palavras cativantes prendem-me a vista no papel, quase impossível diante esta paisagem. Vejo uma cadeira junto às escadas que descem para a praia. Agora ocupada. Palavras cheias de emoção, pego nas dela e faço-as minhas...

Farol, doce farol... O segundo lar da minha infância. Qualquer alma fica aqui no seu melhor estado, uma cura para todas as feridas. Quando abro a janela da minha casa sinto alegria a cada som, a cada cheiro, a cada imagem... Aqui, vivo empiricamente. Não existe outra forma de viver.

Acordava cedo, nesta casa ouvia-se tudo, até a televisão na casa da minha avó. Agora dou valor ao som estridente da caixa cor de laranja. Obrigada.

As memórias que tenho, ganharam ao longo do tempo um alto valor emocional. Agora valorizo cada imagem cerebral que guardo. Com cuidado, mexo nelas como se fossem obras de arte, pego com luvas e exponho-as por detrás de um vidro duplo, tudo isto equipado com um sistema de alta segurança. Engraçado como quando somos jovens pensamos que tudo é infinito e que nunca sofremos as consequências dos nossos actos. Não que me arrependa, mas parece que hoje vivo cada dia com emoção e tempo. Apesar de memórias soltas, são memórias, fragmentos de uma vida que se aproxima do fim...

Lembro-me da "torradeira da ilha". Rio-me. Era uma grelha que o pai punha ao fogão e aquecia o pão, ficavam sempre queimadas e acabavam por ir para o lixo. Até á pouco tempo vi as canecas que acompanhavam as amargas torradas, agora são imagens imóveis.

Depois era a hora da praia, às onze horas o sol já ardia na pele e assim que sentíssemos a queimar significava que era hora de ir. Aproximava-se a hora mais apetitosa, o cheiro da comida pairava no ar, era hora de almoço. Ainda hoje sinto uma nostalgia quando aquele aroma paira no ar, aposto que todos os dias havia alguém que comia peixe assado. Não me enjoava e até me agradava porque o meu pai sempre me disse que o peixe ao almoço, facilitava a digestão e na ilha, a pressa era para a hora da praia.

O ar até custava respirar, aquela brisa quente mantinha-me sentada no chão gelado do quintal por baixo do toldo. Ora fazia aquelas fichas que os professores mandavam para as férias ora espalhava todos os brinquedos que existiam naquela casa pelo chão. Ansiava a hora em que o Mestre Joaquim Petróleo passava e dizia sempre:

- Oh Bonequinha! – Iluminava-me o dia, eu sabia qual era a hora em que vinha do mar e ele sabia a que hora me havia de encontrar a brincar no quintal. No dia em que deixou de vir magoou-me muito, mais tarde entendi que o encarnado que cobria a sua face não era só do sol. Problemas no fígado.

O farol era um sonho, qualquer pessoa se rendia ao pôr-do-sol memorável que se punha ao lado da minha casa, é difícil descrever, um azul clareado pelos laranjas, vermelhos, amarelos e cor-de-rosa que cobriam a superfície do mar esverdeado com efeitos de prata. Para mim, o dia parava neste momento, enquanto em casa todos estavam ocupados a preparar o jantar ou a acabar os banhos, eu corria até a ria e sentava-me a observar aquele espectáculo privado. Lembro-me de prometer a mim própria que antes de morrer, voltava à ilha para a minha última caminhada ao molhe. Assim que chegar ao fim, termina a longa viagem, a viagem da vida.

O verão parecia-me interminável, no fim a minha mãe fazia questão de tirar uma última fotografia ao grupinho com quem eu andava o verão todo. Éramos sempre os mesmos, ainda hoje tenho algumas dessas fotografias.

Custava a despedida, principalmente aqueles que regressavam a Lisboa, trocávamos sempre a morada mas a troca de correspondência apenas durava uns meses. Não era um “adeus”... Era um “até logo!”.

Assim que o fim de Agosto se aproximava as saudades da escola apertavam. Para mim acabava aqui, em Agosto.

E o ano, começava em Setembro, não sei se esta regra vem de ser filha de uma professora pois para a minha mãe também o ano dela começava em Setembro e nunca em Janeiro. Em Janeiro havia férias, em Junho também, mas em Setembro voltava ao trabalho e com este círculo o meu organismo habituou-se a esta regra. Até gosto, dá-me uma certa paz e permite-me orientar com total organização, nunca deixei a minha rotina.

A passagem de uma fase para a outra aterrorizava-me. Eu via esta evolução como uma pirâmide e cada vez que subia ficava mais apertada e isso significava para mim uma diminuição da tal irresponsabilidade que tinha.

No primeiro dia do mês de Setembro acordava bem cedo para poder ir à papelaria buscar os livros que a minha mãe tinha encomendado no mês anterior, a concorrência entre as três papelarias da cidade fazia com que a corrida aos livros escolares começasse em Julho. Eu ficava eufórica, os livros novos com imagens e letras, palavras que me pareciam inatingíveis e eu ficava com medo.

Na escola as memórias que tenho são poucas e muito detalhadas, um dia talvez escreva mas só têm mais interesse quando são contadas num grupo que vivenciou todas elas.

Agora, prefiro pegar em pedaços da vida, reflectir sobre eles, tirá-los da minha mente e guardá-los no papel.

Em miúda, a minha mãe fazia questão que viajássemos muito e até mesmo quando ela estava em casa ocupada com o trabalho o meu pai encarregava-se dos passeios. Ao sábado à tarde o passeio era na Fuseta. Íamos até à praia dos "tesos" e sentávamo-nos junto ao farol os três: eu, o meu irmão e o meu pai, com as canas de pesca. Normalmente só o pai é que conseguia apanhar alguma coisa. Sinceramente aquilo aborrecia-me, só ia mesmo porque antes de voltarmos para casa íamos comer um geladinho. Gostava mais de ir com o meu pai comprar gelados do que com a minha mãe, com ela tinha de ser os mais pequeninos para não fazerem mal à barriga nem aos dentes, com o pai podiam ser os grandes e os com mais caramelo. Rio-me.

Se estas páginas gravassem não só as palavras, mais tarde ouvir-se-iam as gargalhadas que me preenchem neste momento.

Olho-a com calma, sorri, parece que está a sentir aquilo que leio neste momento. O sol ainda vai a meio do seu caminho, mas o céu já tem as suas cores preferidas. O crepúsculo já começou e ilumina a sua cara, envolvendo o seu corpo naquela dança mágica de cores. Este momento mantém-na distante do mundo. Se vivêssemos todos assim, envolvidos... Não chega apenas ver passar a vida ao lado, o essencial é sentarmo-nos diante dela e deixá-la que nos leve consigo.

São pedaços da vida que me vêm à cabeça de vez em quando, a memória já está frouxa. As viagens, os passeios, aproveitava-os ao máximo. Em miúda apenas saí duas vezes de Portugal, uma a Espanha e outra a Paris. A minha mãe sempre me disse que queria muito viajar e conhecer outros lugares mas primeiro, o seu desejo era conhecer o seu país. Começámos com o Algarve e fomos sempre a subir. Os lugares, a comida, as pessoas, os alojamentos, cada minuto era recheado de emoção.

Uma das coisas que mais me marcou e ainda hoje cumpro é a tradição de Natal. Até porque a infância de qualquer pessoa é marcada pelas tradições criadas em família e as minhas ainda hoje se mantêm. Na mesa nunca faltava o camarão e as cenouras envinagradas, hoje em dia sou especialmente a melhor nessa iguaria, consigo deixá-la incomparável. Depois era o Litão seco, antigamente, como não havia dinheiro, as pessoas secavam o peixe e guisavam com batatas, hoje em dia é um peixe tão caro que só o compro porque o sabor delicado excede o preço. Desde novinha que tentava fazer os doces mas errava sempre em algo, apenas as fatias douradas ficavam perfeitas, hoje em dia já consigo fazer tudo, as trutas de batata doce, a aletria, os sonhos, o tronco de natal. Espero resistir a mais um natal para poder cozinhar pela última vez.

As últimas palavras entristecem-me... Este foi o seu último Natal. A comida estava divinal! Estou sentada no mesmo sítio e observo a mesma cadeira junto às escadas que dão para a praia. Está vazia, sempre estará. Ganhei coragem, vou até lá. Uma aragem fresca envolve a minha tristeza, e gela-me a cara coberta de lágrimas, percebo que a ilha também está triste e chora a sua perda!

Até sempre!

PESADELO OU FUTURO

A pura lua cheia no céu estrelado cobria as amendoeiras em flor, iluminando o caminho de terra batida.

- Como a noite está linda!

A elegante figura angelical vestida de branco semelhante a uma ilusão espectral aproximou-se das águas límpidas de um pequeno ribeiro. A aparente jovem levantou a saia e mergulhou os pés descalços. A brisa agitava os seus longos cabelos. A água começou a tingir-se de vermelho sangue. A jovem deixou a saia cair e molhar-se, paralisada pelo terror. Ganhou forças ao fim de alguns segundos e saiu do ribeiro. Largou a correr na direcção das águas. A floresta deu lugar a uma aldeia em chamas.

Um forte e horrível cheiro a queimado cobria o ar e um monte de cadáveres marcava a entrada desta. A jovem caiu de joelhos perante a devastadora imagem.

- Que fazes aqui, Aura?

Era a voz do seu amado, aquele rapaz de frios olhos verdes que parecia não corresponder ao seu sentimento. As roupas brancas agora cobertas de gotas de sangue, o sabre sempre brilhante agora maculado pelo pecado mortal. Marcus era o co-autor do massacre inexplicável. Sorriu maliciosamente para aquele que Aura culpava pelas suas atitudes egoístas dos últimos tempos. David era um estranho de origens desconhecidas, cujo lado direito da cara era deformada e o seu olho esquerdo, saudável, vermelho. Marcus foi o único a aceitá-lo com naturalidade.

- Estás a mostrar a tua verdadeira cara, David!

O seu grito fez o visado olhá-la com uma imensa tristeza que a deixou surpreendida. Como se atrevia a tal, tendo ele as suas roupas escuras manchadas do sangue dos inocentes?

- Não é aquilo que parece, o nosso tempo terminou. - acrescentou Marcus - Volta para casa, Aura, e esquece-me.

Um negrume cobriu a lua e um colossal olho raiado de sangue abriu-se no céu. Aura gritou e...

Os seus olhos abriram-se e cruzaram-se com os olhos verdes dele. Marcus sorria.

- Estavas a ter um pesadelo.

Aura sentou-se, ofegante. Lembrava-se agora que tinha ido passear com Marcus pela floresta e que, cansada, pedira-lhe que a deixasse dormir um pouco. Marcus levantou-se.

"Era apenas um pesadelo…", pensava Aura.

Ouviu passos e apercebeu-se que não estavam sós. David aproximou-se e cumprimentou Marcus. Aura levantou-se, observando aquele estrangeiro com desconfiança. Os três seguiram caminho até ao ribeiro. Aura levantou a saia do vestido e entrou na água. Escorregou. Marcus e David entraram rapidamente na água e seguraram-na a tempo.

"Aquele sonho era apenas um reflexo do meu medo. Um pesadelo que não virá a concretizar-se."

Um agradecimento sincero toldou as suas preocupações. Liberta daquelas mãos endurecidas pelo treino militar, atravessou o ribeiro para o outro lado.

Ao voltar-se, viu Marcus acenar em despedida e voltar-lhe as costas, afastando-se na companhia de David.

Aura fingiu um sorriso e acabou sozinha, encostada ao tronco áspero de uma das amendoeiras. Para afastar a mágoa cantou e a sua linda voz ecoou pela floresta acompanhada pelo chilrear dos pássaros.

Marcus deteve-se e olhou para trás.

- Aura está triste.

David parou também.

- Sabes o que ela sente por ti.

- Gosto dela como uma irmã. E gostava que fosse feliz.

- Aura ainda não sabe que a guerra está à vossa porta. Ainda tens tempo para agarrar nela e fugir.

- Vou defender o meu povo, custe o que custar. A guerra chegará à nossa porta mas dela não passará. E tu?

- Eu não tenho casa. Vocês são agora a minha família. Vou lutar ao teu lado.

- Muita gente não te aceita.

- Tu aceitaste-me, isso é suficiente.

Aura viu-se assolada por aquele pesadelo todas as noites. Uma noite de lua cheia, saiu de casa sem fazer barulho e correu para aquele ribeiro. Seria essa a única forma de libertar-se daquele medo irracional. Ao entrar na água, ouviu vozes. Seguiu-as e escondida por trás de uma árvore, observou uma reunião. Todos os homens do seu povo, dos mais jovens aos mais velhos, falavam sobre a guerra. Uma guerra oculta aos ouvidos dos mais débeis. Uma guerra que como todas as guerras ceifava vidas incontáveis sob as ordens dos poderosos. Aura caiu de joelhos. As lágrimas caíram dos seus olhos.

"Aquele pesadelo não é um pesadelo. É o futuro."

As mãos do seu amado serão manchadas pelo sangue dos invasores. Os indefesos seriam sujeitos ao escrutínio dos militares impiedosos, desconhecendo o seu destino final. O futuro do seu povo esteve sempre em jogo, aquele pesadelo era a materialização dos piores receios da sua família, amigos e conhecidos.

- Ouviste tudo? – perguntou uma voz.

Aura olhou para cima e viu David.

- Qual é o teu papel nisto?

- Um dia, a guerra levou-me tudo. Regressei a um monte de escombros e cadáveres. Pensei morrer ali mesmo. Fui incapaz de usar esta lâmina para cortar o meu pescoço e acabar com tudo. Sobrevivente, comecei uma viagem sem retorno, procurando a morte nos campos de batalha.

- Até que Marcus te encontrou no caminho da nossa aldeia.

- Este país estava em paz, trouxe uma mensagem ao vosso líder e pensava seguir caminho. Perdi as forças. Marcus acolheu-me. Sei que todos se opuseram à minha presença. Este olho, esta deformação… As pessoas assustam-se.

Se não fosse ele, tinha partido de imediato.

- Então, ficarás.

- Sim. Encontrei razões para viver. O meu papel? Vou combater ao lado dele. Darei o meu melhor para que os vossos sonhos não se convertam em pesadelos como os meus.

Aura limpou as lágrimas e levantou-se, sem tirar os olhos daquele rapaz.

"Os pesadelos são manifestações das nossas dores. Os mitos falam de mensagens dos mortos. O meu pesadelo ou é um sonho estúpido ou é o nosso futuro."

Pegou na mão de David e murmurou:

- Promete-me que regressarão com vida.

- Não farei tal promessa. Só posso prometer que farei tudo para que isso aconteça.

Marcus aproximou-se.

- Que fazes aqui? Deverias estar a dormir!

Aura viu-se incapaz de responder. David interveio.

- Um pesadelo apenas. O ar da noite faz bem.

- Deve ter ouvido tudo.

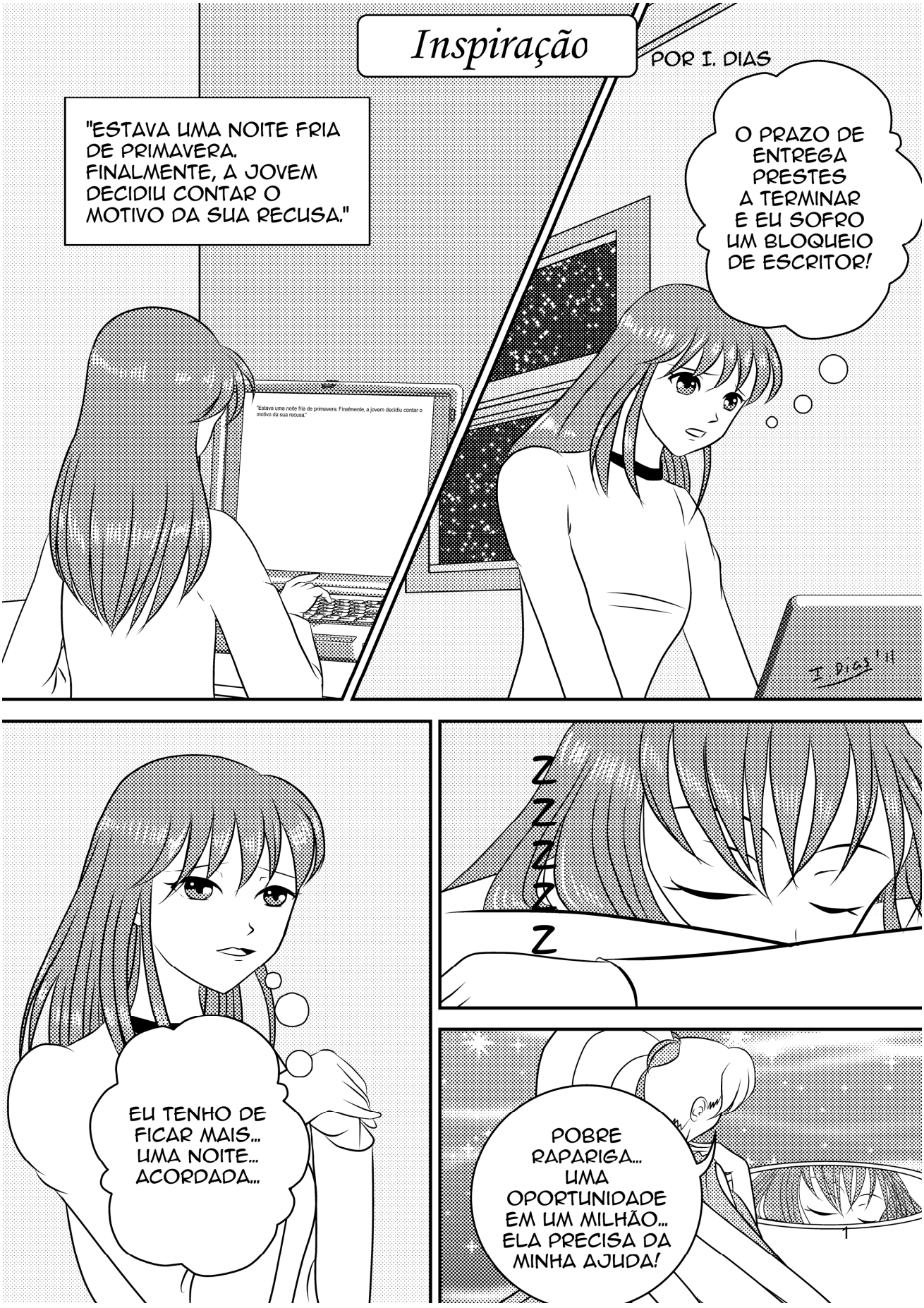
- Não voltarei a sair sozinha. – prometeu Aura.

- Vamos levar-te a casa. – limitou-se a dizer Marcus, frio e distante como de costume.

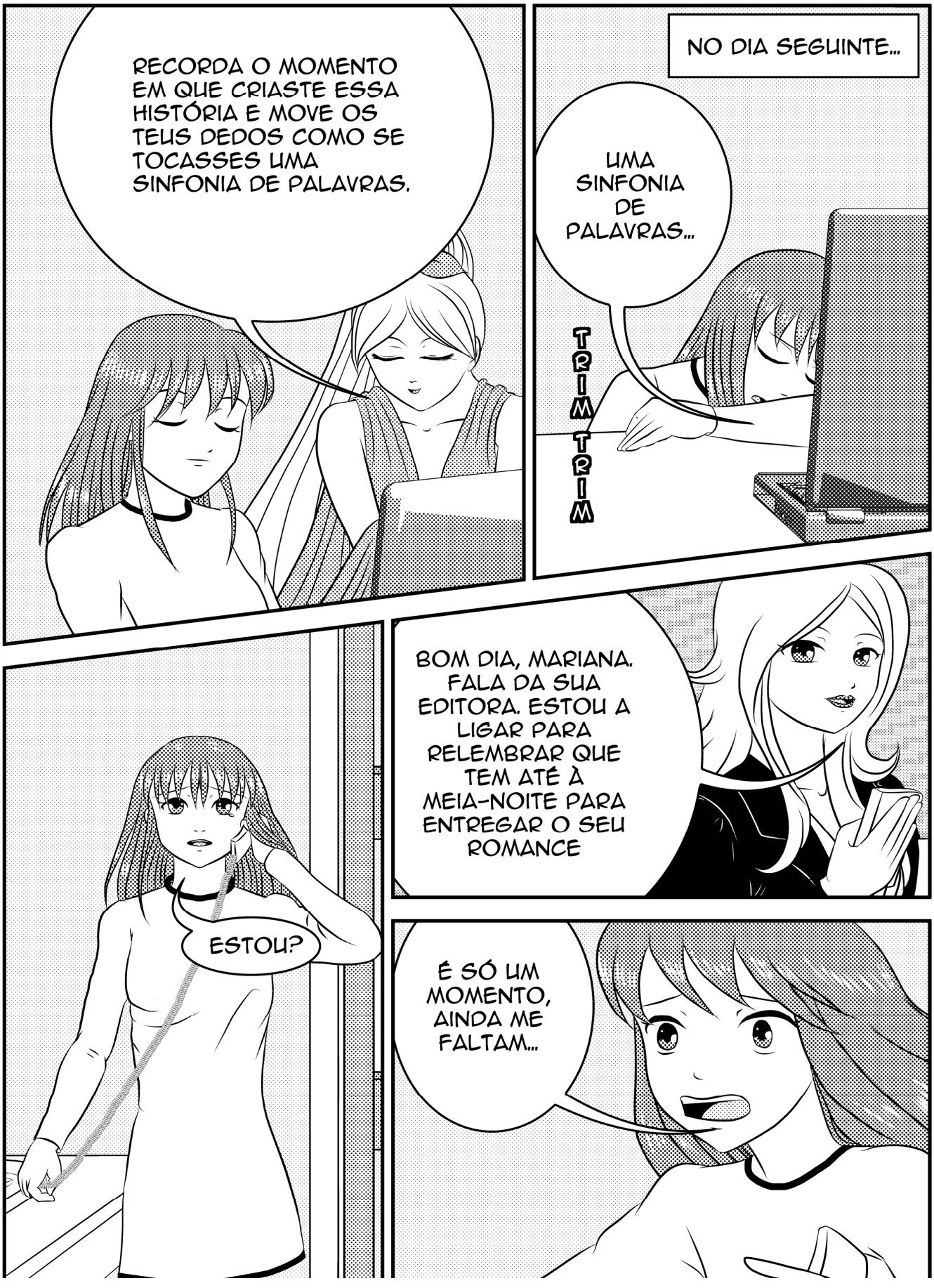
Ambos pegaram nas suas mãos e conduziram-na de volta, passando por aquele ribeiro. Aura apertou as mãos dos rapazes e encheu-se de confiança.

"Pode ser o futuro mas não tem que o ser. O tempo não para. Cada ato molda a nossa passagem por este mundo. Marcus e David vão lutar para mudar o destino. Eu também vou lutar. O meu amor será o meu escudo. As minhas mãos enxugarão as vossas lágrimas e tratarão as vossas feridas. A minha voz será a minha arma contra a tristeza e a morte que chegarão."

BANDA DESENHADA


Inspiração
POR I. DIAS
"ESTAVA UMA NOITE FRIA DE PRIMAVERA. FINALMENTE, A JOVEM DECIDIU CONTAR O MOTIVO DA SUA RECUSA."
O PRAZO DE ENTREGA PRESTES A TERMINAR E EU SOFRO UM BLOQUEIO DE ESCRITOR!
"Estava uma noite fria de primavera. Finalmente, a jovem decidiu contar o motivo da sua recusa."
I. Dias '11
EU TENHO DE FICAR MAIS... UMA NOITE... ACORDADA...
ZZZZZZ
POBRE RAPARIGA... UMA OPORTUNIDADE EM UM MILHÃO... ELA PRECISA DA MINHA AJUDA!

QUE LUZ ESTRANHA É ESTA?
QUEM É A SENHORA?
O MEU NOME É IARA, E SOU A TUA MUSA. VIM PARA GUIAR O TEU DESTINO.
DESTINO?


RECORDA O MOMENTO EM QUE CRIASTE ESSA HISTÓRIA E MOVE OS TEUS DEDOS COMO SE TOCASSES UMA SINFONIA DE PALAVRAS.
NO DIA SEGUINTE...
UMA SINFONIA DE PALAVRAS...
TRIM TRIM
BOM DIA, MARIANA. FALA DA SUA EDITORA. ESTOU A LIGAR PARA RELEMBRAR QUE TEM ATÉ À MEIA-NOITE PARA ENTREGAR O SEU ROMANCE
ESTOU?
É SÓ UM MOMENTO, AINDA ME FALTAM...

ESTÁ ACABADO!?
COMO FOI POSSÍVEL CONCLUIR A HISTÓRIA, SE ME DEIXEI DORMIR NA SECRETÁRIA?
ESPLÊNDIDO! ENVIE O CONTO POR E-MAIL PARA PROCEDERMOS À IMPRESSÃO.
"ALGUMAS PESSOAS PENSAM QUE É ESSENCIAL TER CANUDO PARA SER UM BOM ESCRITOR. NA REALIDADE, SÓ É PRECISO UM POUCO DE HABILIDADE PARA TORNAR PALAVRAS EM MAGIA E É ISSO O QUE SÃO OS LIVROS: UNIVERSOS DE MAGIA A DESCOBRIR NO MEIO DE FOLHAS DE PAPEL. AS PALAVRAS SÃO MÁGICAS, ASSIM COMO AS MUSAS QUE NOS DÃO O MOTE PARA UMA HISTÓRIA, UM ENSAIO, UMA POESIA. A LEITURA É TUDO O QUE NOS FAZ SONHAR."
UMA PENA??
SERÁ QUE AQUELE SONHO...
FIM

O PIQUE-NIQUE
AMORZINHO, TENS MESMO A CERTEZA DE QUE ESTE SÍTIO É SEGURO PARA FAZERMOS UM PIQUENIQUE ?!?
CLARO!
CUIDADO! ELES APARECEM QUANDO MENOS SE ESPERA!
NÃO DÊ VEGETAIS AOS URSOS! ELES PREFEREM CARNE... HUMANA!
OUVI DIZER QUE MUITOS SUJEITOS TRAZEM AS NAMORADAS A ESTE LUGAR PARA AS IMPRESSIONAR!!
EU CÁ NÃO SOU DESSES...

SABES, CONTI-NUO A ACHAR ESTE LUGAR HORRIPILANTE ...
ÁONDE VAIS?
VOLTO JÁ! VOU APANHAR UNS COGUMELOS! DOS PEQUENINOS, QUE EU CÁ NÃO SOU DE ME EXIBIR...
?
SNIF SNIF
AAAYYY!
TU, URSO MALVADO! DEIXA O NOSSO FRANGO COM LARANJA E AMÊNDOAS EM PAZ!!!
2

...MNHH! NADA MAL! COMO O FIZESTE?!
CHOMP! CHOMP!
SIMPLES! DEPOIS DE AQUECER O ÓLEO E A MANTEIGA NUMA FRIGIDEIRA ALOUREI AS COXAS DE FRANGO DURANTE QUINZE MINUTOS! É PRECISO VOLTÁ-LAS DE VEZ EM QUANDO, CLARO!
DE SEGUIDA ESCORRI ALGUMA DA GORDURA E JUNTEI SUMO E RASPA DE LIMÃO E LARANJA, ÁGUA, GENGIBRE MOÍDO, SAL E PIMENTA Q.B. ENTÃO DEIXEI EM LUME BRANDO MAIS UM QUARTO DE HORA!
SIM?
NUM TACHO PEQUENO À PARTE ALOUREI AS AMÊNDOAS ÀS LASCAS NA MANTEIGA ENTRE TRÊS A CINCO MINUTOS! (HUNG!)
APÓS A COZEDURA DO FRANGO JUNTEI OS GOMOS DE LARANJA! ENTÃO POLVILHEI-O COM AS AMÊNDOAS! "C'EST TOUT"!
KIIÁÁÁYYY!!!
BOA!
OOÃÃ
ÃÃH!
3

TEM DÓ DO POBRE ANIMAL, AMORZINHO! VÊ COMO ELE FOGE, ATERRADO!!
ESTOU CÁ COM UMA SONEIRA...
ESTOU TÃO IMPRESSIONADA
CHUAK!!
SABES... EU... AH... É MELHOR CERTIFICAR-ME DE QUE O URSO NÃO ESTÁ POR PERTO...
...A MANTER-SE INFORMADO?!
TEM QUE SER! JÁ VISTE? MAIS UM ANO A CORTAR NAS VERBAS PARA A CULTURA! AI, ESTE PAÍS, ESTE PAÍS...
TOMA! O COMBINADO!
NÃO TENHO TROCO!
NÃO FAZ MAL!
150€
JÁ VAIS?
TENHO OUTRO SERVIÇO AQUI PERTO! É A ÉPOCA ALTA, HÁ QUE APROVEITAR! OLHA, SE PRECISARES DE MIM LIGA-ME PARA O 96, JÁ QUE O MEU 91 ESTÁ DESATIVADO! ADEUS!
FIM